

## *Persépolis: as identidades femininas através dos quadros de Marjane Satrapi*

Persépolis: the feminine identities  
through the views of Marjane Satrapi

*Laís Medeiros Cavalcante<sup>1</sup>*

**RESUMO:** As Artes visuais ganharam um importante espaço na cultura em todo o mundo, se tornando muito presente no que diz respeito às representações que os indivíduos constroem ou formulam acerca de si e da sociedade em que estão localizados. Dentro de tal campo as Histórias em Quadrinhos vêm ganhando grande importância, não apenas no mundo ocidental, como se pode observar no crescente número de publicações provenientes do Oriente. Dessa maneira, este trabalho discute as representações femininas no Irã, traçadas pela iraniana Marjane Satrapi na qual problematiza a cultura de seu país a partir de sua biografia desenhada em quadrinhos – permitindo a percepção da força das implicações pelas quais as relações de gênero produzem em torno da construção das identidades femininas. Do ponto de vista teórico teremos como referência a leitura de representação como um processo de significação que está ligada à identidade e à diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** História em quadrinhos. Representação. Persépolis. Identidade

**ABSTRACT:** The visual Arts had gained an important space in the culture in the whole world, becoming very present in what it says respect to the representations that the individuals construct or formulate about itself and of the society where they are located. Inside of such field Comic Books come building great importance, not only in the occidental world, as if it can observe in the increasing publication number proceeding from the Orient. In this way, this work argues the feminine representations in Iran, traced for the Iranian Marjane Satrapi in which discusses the culture of its country from its biography drawn in comics - allowing the perception of the force of the implications for which the gender relations produce around the construction of the feminine identities. Of the theoretical point of view we will have as reference the representation reading as a process of meaning that is connected to the identity and to the difference.

**KEY-WORDS:** Comic Books. Representation. Persépolis. Identity.

### **Introdução**

Sobre a existência das flores não se pode levantar questionamentos; no entanto, considerá-las enquanto grupo homogêneo e deixar de perceber as características individuais de cada uma delas, ignorando suas particularidades, é também tornar a análise, destas, estática, apoiada numa classificação incapaz de oferecer algum tipo de crítica ou movimento.

---

<sup>1</sup> Mestre em História, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). mariafulorina@gmail.com.

As mulheres tal como as flores, não podem ser pensadas como um grupo homogêneo. Ao observá-las, temos que levar em consideração a existência dos distintivos inerentes a todos os indivíduos enquanto seres possuidores de um elemento proveniente de ‘sua natureza’ primeira, assim como provenientes do lugar ao qual estão inseridos, com as nuances de todos os fatores dados e retirados da sociedade da qual se faz parte. Todas elas são possuidoras do mesmo sexo, detentoras da genitália que por muito tempo foi prisão, utilizada para lhes desenhar os espaços em que poderiam transitar, fechando-lhes horizontes, retirando-lhes a possibilidade das escolhas. Algumas inseguras, outras teatrais, cada uma, por mais ousadia que, em si, tivesse, assume as personagens mais cabíveis e específicas – inicialmente filha, depois o exemplo de moça para a sociedade, em seguida a esposa, mãe, avó; sempre buscando alcançar a perfeição exigida, a doçura, a delicadeza. Um molde a homogeneizar ali, rodeando esses sujeitos femininos, pois tudo aquilo, distinto do proposto, pelo tal, vinha na forma do errado, perigoso e profano. A partir daí, pensar a diferença como algo inerente à existência da humanidade na terra parece sempre natural, visto que a mesma é habitante dos espaços, em sua totalidade.

Tenho mania de encarar os livros de duas maneiras: ou como são histórias que, durante o período de leitura, se confundirão com a minha; ora enquanto dados ditos importantes para, digamos, um aprendizado. Adentrar nesse universo construído em via de mão dupla, a de quem escreve e a do leitor, é sem dúvida um caminho cheio de novidades. Pois bem, foi dentro de tal perspectiva que me deparei com Persépolis, história em quadrinho (HQ), que denomina também uma animação baseada naquele, escrito pela iraniana, Marjane Satrapi – a primeira em seu país a realizar uma produção desse cunho –, que retrata sua visão sobre a construção da história de sua nação.

É sempre, no mínimo, muito curioso se deparar com a diferença, com o outro. Diante da leitura da obra, deparei-me com a vida em quadrinhos de uma menina que cresceu num mundo um tanto quanto oposto à minha realidade, numa distância não somente física, mas principalmente cultural. O misto de estranhamento e encantamento; o acontecimento de me

encontrar diante da história de uma oriental, e através de uma HQ, dois espaços, até então, marcos do novo, do diferente.

O presente trabalho pretende, a partir da autobiografia da iraniana Marjane Satrapi, analisar que elementos tornaram possíveis as transformações das identidades femininas no Irã, direcionando o olhar para a educação – nos seus mais diversos lugares, advinda tanto da instituição escolar quanto da familiar e com significações distintas - assim como para o contato com o outro, nesse caso o outro ocidental.

### **Persépolis: História, Gênero e Identidade(s)**

Aqueles que integram o ponto de vista do outro à sua perspectiva existencial ficam conhecendo mais aspectos de si mesmos e dos outros. (Becker).

Caminhar é tarefa que proporciona um aprendizado contínuo desde o nascimento, quando ainda não se tem conhecimento ou habilidade motora para tanto, que vai sendo adquirida depois de ultrapassados os primeiros desafios. Um pé após o outro, aquele que fica dando suporte àquele que seguiu adiante, esse tomando experiência do terreno para que se possa avançar, afinal, não se sabe o que se encontrará pelo caminho – até mesmo porque sua extensão não se apresentará de forma idêntica e o novo poderá trazer surpresas com as quais será necessário lidar.

Durante o meu percurso deparei-me inúmeras vezes com o inusitado: uma cor, uma música, alguns livros, que provocaram mudança na percepção ou na aceitação. Persépolis é uma espécie de cultura provocadora, mesmo que aparentemente produzida sem tal pretensão. Uma história em quadrinhos, atualmente muito vendida, compartilhada entre amigos que cultivam, em comum, o afeto por tais revistas, que fala sobre uma garota minimamente interessante – que, com um senso de ironia e humor ímpar, conta sobre a própria vida dentro do Irã, país em que as pessoas usam véus e se doam por causa da missão que lhes foi designada por Alá. Persépolis (figura 8) passa a ser, dessa forma, o primeiro contato desmistificador e o início de encantadoras descobertas.

Figura 1- Capa de Persépolis



Esta história em quadrinhos, cujo título foi mencionado anteriormente, é da autoria de Marjane Ebihames<sup>1</sup>, também autora de “*Frango com passas e Bordados*”, e começou a ser publicada na França no ano de 2002, tendo, por fim, quatro volumes que foram reunidos numa edição completa, produzida pela Companhia das Letras – o primeiro e o segundo se encarregam de relatar a infância, o terceiro se trata da experiência na Áustria e o quarto mostra o retorno e a readaptação no Irã. Trata-se de uma obra autobiográfica, responsável por tornar as diferenças entre o ocidente e o oriente bem menores do que se pode pensar – biografia e autobiografia são consideradas como um gênero híbrido por abarcar elementos característicos de diversos campos, como a literatura, a história e jornalismo. Sobre esse tema, Spiegelman, citado por Oliveira e Passos, afirma:

Os quadrinhos são um meio de expressão bastante denso. Transmitem informações muito concentradas em relativamente poucas palavras e imagens-código simples. Isso parece ser um modelo de como o cérebro formula pensamentos e lembranças. Pensamos na forma de desenhos. Os quadrinhos têm demonstrado com frequência como servem bem para contar histórias de aventuras cheias de ação ou de humor, mas a pequena escala de imagens e o caráter direto desse meio, que tem algo a ver com a escrita à mão, permitem aos quadrinhos um tipo de intimidade que também os torna surpreendentemente adequados para autobiografia. (SPIEGELMAN *apud* OIVEIRA e PASSOS, 2006, p. 3)

O trabalho da autora Marjane Satrapi, acaba por se encaixar dentro do que se chama ‘uma escrita de si’<sup>2</sup>, pois suas revistas são construídas a partir da costura das experiências da sua família. Nessa produção autorreferencial, a autora materializa as histórias, produzindo assim uma memória de si – um desejo aparente nos quadrinhos, a perpetuação e a permanência do passado familiar nos integrantes das gerações posteriores –, baseada nas histórias pessoais e de indivíduos pertencentes aos grupos de socialização da mesma. Fortes críticas são lançadas a esse tipo de produção por existir o perigo de tentar se fabricar um indivíduo contínuo e coerente<sup>3</sup>, contudo, dessa ingenuidade, Satrapi não pode ser acusada, visto que ao longo da HQ pontua, mesmo dentro da edição a que esse tipo de trabalho sofre, desde a escolha dos acontecimentos a serem narrados, as descontinuidades e rupturas determinantes na formação da sua identidade, representações formadoras do mosaico de recordações então posto.

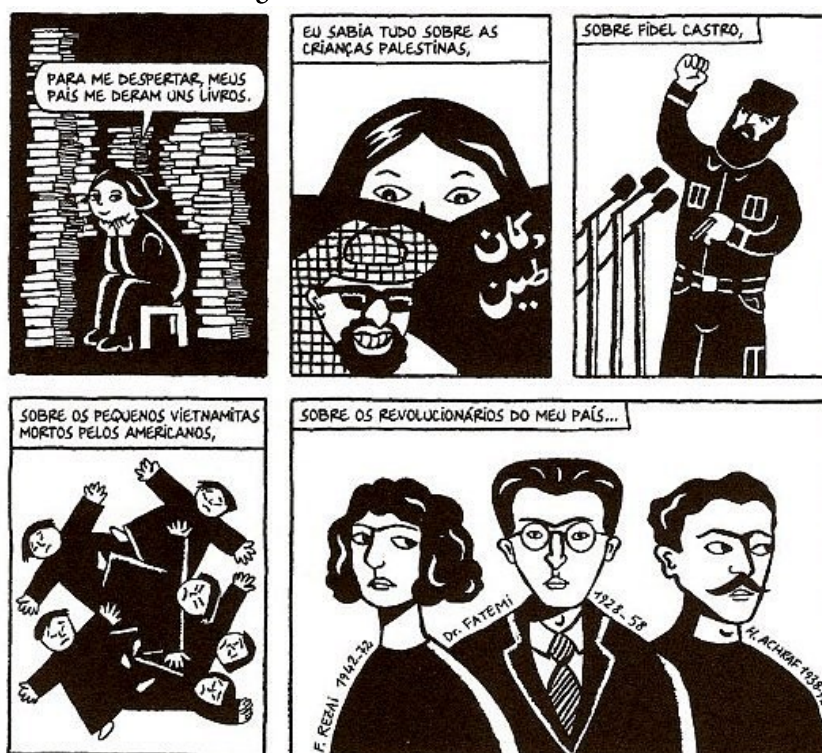
Para seguir com as análises da fonte escolhida, optou-se por topificar pontos – como a influência da educação e o contato com o outro, sem pretender desconsiderar os demais temas encontrados na obra – tidos enquanto essenciais na hq escolhida para o trabalho em questão, com o intuito de demonstrar assim, primeiro as construções dos papéis femininos, e conseqüentemente os masculinos, dentro da sociedade iraniana e austríaca para, logo em seguida, perceber as formas que as mulheres encontraram para ultrapassar essas fronteiras estabelecidas de acordo com os aspectos biologizantes do sexo.

### **Educação e a construção das identidades**

No decorrer de todo o quadrinho, a educação transita entre dois polos, sendo esta apresentada pela família Satrapi enquanto o único meio para a filha burlar as limitações impostas pela sociedade iraniana ao adquirir uma formação profissional que lhe traria uma independência financeira. Por outro lado, foi utilizada enquanto instrumento para legitimação da estrutura montada tanto para o funcionamento, quanto o monitoramento do Estado e das vidas dos indivíduos, mas principalmente para a produção de pessoas reprodutoras e propagadoras da moral e dos bons costumes.

A educação era direcionada para que desde os primeiros anos aqueles que futuramente se tornariam os homens e mulheres responsáveis por assegurar os preceitos da Revolução não tivessem o caminho corrompido. Dessa forma, a separação das crianças em escolas femininas e masculinas tornou-se logo lei, simbolizando apenas o começo da trajetória que cada um teria que percorrer, uma estrada pautada na formação sexista, baseada nos preceitos da família nuclear e respaldada em nome da fé, da religião.

Figura 2 - influências intelectuais



É importante levar em consideração a questão que a figura acima ilustra: o lugar de fala dos pais e familiares de Satrapi. Enquanto a escola trazia para os infantes informações condizentes com o que o governo islâmico desejava, os pais da menina Marjane lhe proporcionava o conhecimento de um saber laico, por assim dizer. Oriunda de uma linhagem próxima do comunismo, ela teve contato com os mais diversos temas, como a figura pode nos mostrar – teóricos não apenas ocidentais, mas principalmente do próprio Irã. Então, a própria educação pode ser vista, nessa história, como uma maneira de burlar a opressão que o sistema islâmico trazia aos iranianos.



A formação do indivíduo é todo o tempo marcada pela demarcação das funções que cada um deveria ser apto a exercer, contudo essa divisão vai ser realizada tendo por base o binômio sexual e biológico. Dentro de tal dinâmica, na faixa dos treze anos, às meninas cabia tricotar capuzes para os soldados em batalha, enquanto aos meninos restava o destino do campo de guerra, pois nessa idade já não os era permitido sair do país, e o recrutamento se dava através de promessas fantásticas de um paraíso farto, onde mulheres e comida em abundância se equivaliam em prêmios pela atuação no combate. Essas ofertas eram direcionadas principalmente aos jovens das camadas sociais mais baixas, aos garotos pobres que ficavam vislumbrados diante da ideia de um céu maravilhoso, como fica exposto nos quadrinhos em Persépolis.

Figura 3 - Educação baseada e construída no binômio sexual e biologizante



A figura 3 retrata as transformações que o elemento estatal e religioso trouxe para o âmbito escolar. Os primeiros quadros nos levam a ver a interação existente na escola entre meninos e meninas, dentro ou fora da sala de aula e em suas mais diversas formas. Quando em 1980, com a Revolução Cultural<sup>4</sup>, a escola foi dividida em espaços não mais mistos. No penúltimo quadro essa questão é retratada de forma que é mostrado ao leitor a separação clara entre meninos e meninas, portanto, essa parte dos quadrinhos demonstram para além da educação pautada nos preceitos sexistas, o fim das escolas laicas então representantes do outro decadente e por fim a obrigatoriedade do uso do véu para as meninas.

Tais segmentações comportamentais estão inseridas no que Bourdieu vem chamar por separação sacralizante, tendo em vista que o sistema de dominação androcêntrica lança mão de uma disciplina constante sobre todo o sujeito, em maior parte sobre as mulheres que vivenciam um trabalho de socialização direcionado a delimitar os espaços às mesmas – que terminam por interiorizar os elementos ensinados como constituintes do ideal de feminilidade construída. Estabelece-se um plano de educação pautado na lei da exclusão, pois as características familiares ao outro gênero são vetadas para que, assim, o produto diferenciado, no caso homem e mulher, seja gerado sem maiores problemas como a feminização de um menino.

Após anos, Satrapi retorna ao sistema educacional iraniano, ao adentrar na universidade (figura 3 e 4) e nos mesmos problemas enfrentados na infância, visto que esse espaço, ainda considerado mais aberto, solidifica e reafirma os valores da sociedade islâmica. Até mesmo o pátio de entrada tornou-se espaço de atuação das relações de forças, onde os superiores, através de inspetores(as), fiscalizavam os comportamentos. Para tanto, homens e mulheres eram separados, eles de um lado e elas de outro, no intuito de um controle maior dos corpos que, dessa forma, não correriam os riscos provocados pelo contato ou mesmo a proximidade. Assim também acontecia nas aulas, quando, não com o isolamento total dos sexos em lugares específicos para cada um, lançava-se mão de fileiras específicas nos espaços mistos. Havia lugares em que até as escadas serviam de instrumento disciplinador, visto que,

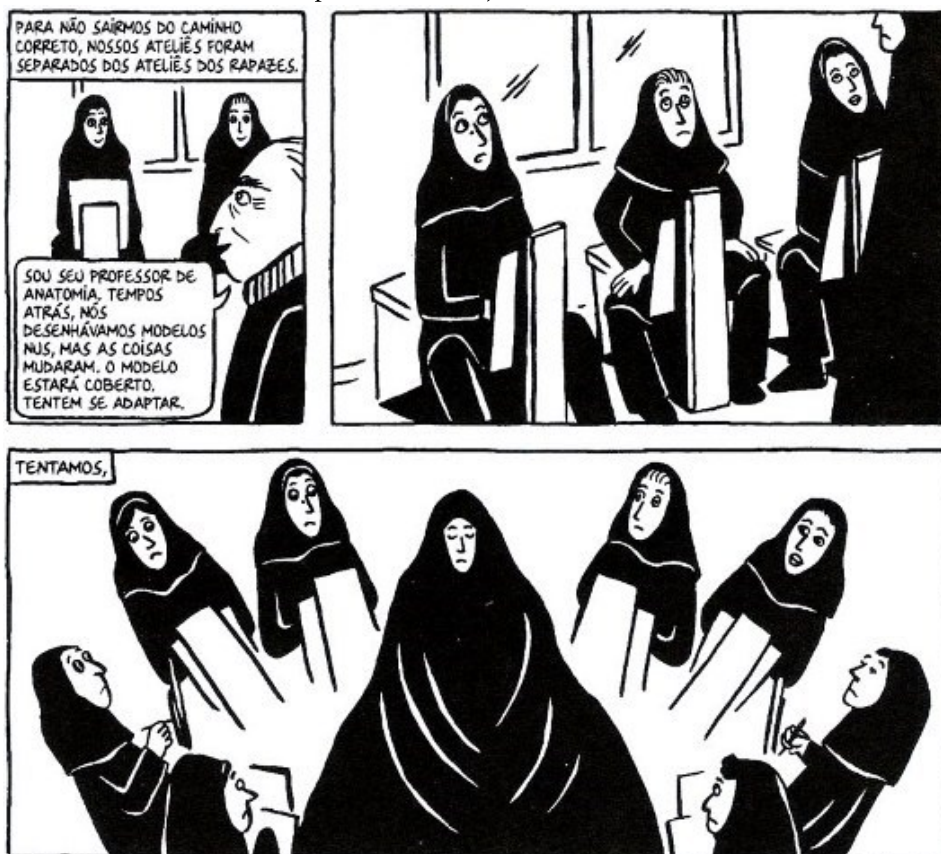


ao se utilizar escadarias distintas, evitava-se o maior contato entre moças e rapazes, além de prevenir o contato visual com as nádegas femininas.

Figura 4 - A divisão do espaço universitário pelo viés do sexo biológico



Figura 5 - Vigilância em todos os âmbitos da universidade, no quadrinho acima a modelo para aula de anatomia está coberta para a manutenção da moral das estudantes



Na figura 4 fica evidente que as regras impostas aos indivíduos, nesse caso mais especificamente aos estudantes, não eram apenas recebidas e executadas sem nenhum tipo de resistência. As pessoas não se portavam enquanto meras vítimas de imposições a contra gosto, mas faziam outros usos das mesmas, como é visto no segundo quadro que após o uso de escadas específicas os caminhos culminavam num mesmo local onde o contato entre os distintos sexos acontecia. A figura seguinte, 5, mostra que mesmo dentro dessa tentativa de separação dos corpos masculinos e femininos, a presença de um homem perante as mulheres não era totalmente restringida, visto que havia o professor em sala de aula. Talvez por tal presença a aula de anatomia decorresse com a modelo completamente coberta ao centro, impossibilitando qualquer tipo de contato com o corpo humano, seja ele físico ou mesmo visual.

Numa conferência intitulada “A conduta moral e religiosa”, a fim de esclarecer o caminho correto, é apresentado ao leitor, mais uma vez, o lugar posto à mulher quando o conferente se remete às presentes, chamando a atenção para o uso das calças largas, então na moda, exigindo serem mais estreitas, tornando controverso que os capuzes sejam maiores e as maquiagens entrem em desuso. Satrapi, com seu espírito feminista, questiona as demandas ali apresentadas, pois elas reforçavam a ideia de que o cuidado com o comportamento deveria ser exercido pelo público feminino – a elas cabia principalmente a constante autofiscalização para que nada estivesse fora do devido lugar e, assim, não provocasse as atitudes indecorosas masculinas. Quanto aos homens, era permitido utilizar diversos tipos de penteados e a vigilância direcionada aos mesmos era quase inexistente. Mais uma, de muitas vezes, a personagem se ergue contra essa postura adotada pelos regentes da instituição e, após ter apresentado as dificuldades que esse novo modelo requerido traria para o desempenho das estudantes de artes, é oferecida a ela a possibilidade de desenhar um novo molde, então comemorado por representar vitória e liberdade, tanto no sentido da maior mobilidade física, quanto da reconsideração ou reavaliação das críticas feitas anteriormente, na mudança da recepção geralmente dos questionamentos direcionados às autoridades político-religiosas.

### **Sob o julgo do pulso da moral governamental e religiosa: para controlar, reprimir**

O Irã tornara-se um país onde a disparidade com a diferença da distribuição de renda se mostrava evidente, em que cerca de 70% da população vive abaixo da linha da pobreza. Tal dado pode ser ilustrativo das relações interpessoais iranianas, no sentido de mostrar como as gestões dos governos daquele país reforçam as divisões das classes sociais, assim como as segregações decorrentes disso. Condiçoadas pela pobreza, pais entregam suas filhas, tidas como forças improdutivas, a outra família que a formará para a responsabilidade com as atividades e o cuidado da casa.

Desde criança, Satrapi tem contato com as histórias sobre os regimes tiranos que caíam e os novos a tomarem o poder, de maneira a fazer crescer na população uma ponta de esperança; contudo a novidade chega, não como se pensou, mas sim sob o regimento dos códigos religiosos islâmicos. As regras impostas formam um conjunto de instrumentos que funcionam enquanto disciplinadores dos indivíduos, para além apenas dos corpos, controlando-os de maneira que delimitam as possibilidades ao redesenhar os trajetos a serem percorridos. A educação é específica para cada sexo a moldar, domesticar, assim como as punições que castigariam aqueles que decidissem sair dos limites impostos. A mulher será o alvo principal de vigilância, visto que é quem vai educar os filhos, cuidar da casa, tendo a obrigação de representar o objeto de pureza para a sociedade. Todas as suas partes devem ser escondidas<sup>5</sup>, pois podem provocar a luxúria dos homens que, justificadamente, se excitarão e, ao cometer um ato como o estupro, não estariam cometendo um crime. Ela é quem deve se resguardar e para isso é instruída desde criança, encontrando assim uma política de educação para não provocar os instintos que levariam à violência sexual, enquanto o outro sexo é esquivado de qualquer culpabilidade.

Mas, a repressão era direcionada a todos os indivíduos regidos pelo governo com o intuito de controlar todas as esferas de suas vidas. Até mesmo os marcadores sociais – gênero, cor da pele, local de origem – são instrumentos da disciplina, visto que o processo de identificação é iniciado já antes do nascimento quando se necessita saber o sexo do bebê. Tais

marcadores são utilizados para identificação, diferenciação e classificação, sempre de maneira polarizada – dentro da dicotomia ‘masculino e feminino’, numa lógica heteronormativa.

A disciplina<sup>6</sup> é então aplicada a todos(as), inúmeras vezes dissolvida numa teia de tramas, costuradas através das relações de força, impregnadas pelas disputas dos poderes. Ela é assim instituída com o objetivo de obter o controle e a sujeição dos corpos, tornando-os dóceis e úteis. Esse é muito adequado para a discussão das relações de gênero, visto que homens e mulheres são distribuídos com funções predeterminadas pelo sexo. Manter sob os cuidados de regras bem estabelecidas é também interessante, no sentido de dirigir as atividades individuais, como por exemplo a determinação de leis que ditam um código direcionador das vestimentas corretas. Isso não deve ser visto sem dar a devida importância, pois a própria moda segue tendências que ultrapassam a estética pura. No Irã, tendo como ponto de partida Teerã, as roupas tinham um amplo sentido, visto que, ao analisá-las, é possível perceber o posicionamento político/religioso assumido pelo indivíduo. Os habitantes do Irã se dividiram em basicamente dois grupos: os fundamentalistas e os modernos ou progressistas. Seu funcionamento se deu de forma que, aos primeiros, cabia cobrir todo o corpo, no caso feminino, e, aos homens, o uso da barba e camisa para fora da calça. Para se manifestar oposição ao regime, as mulheres deixavam mechas de cabelo à mostra e, ao vestuário masculino, era necessário se barbear, pois no Islã esse ato não era recomendado, assim como usar a camisa para dentro das calças. As gravatas foram abolidas no momento em que a elas foi atribuído o símbolo máximo da ocidentalização.

A República islâmica aplicou uma repressão cada vez mais dura, sempre pautando-se nas leis do Islã, ocasionando um grande número de fugas para o exterior – o que representava o medo da represália da qual a população sofria. Tempos depois, para tentar paralisar esse fluxo, as fronteiras foram fechadas e assim ficariam por três anos. Além disso, as universidades foram interditadas por dois anos, por serem consideradas perigosas à formação dos iranianos, aliás, todo o sistema educacional, assim como os livros didáticos, foram reestruturados para os moldes islâmicos. Esse representa um momento de grande aflição para Satrapi, que nutria a certeza da necessidade de se tornar uma mulher culta e emancipada,

como sendo possível apenas a partir dos estudos – em todo o quadrinho vê-se a importância atribuída à educação, principalmente a francesa, sendo esta vista enquanto única maneira de se alcançar uma certa liberdade, um determinado conforto.

O controle dos corpos é assegurado pelos soldados da moral, milícias tanto femininas quanto masculinas (figura 6), já que, aos últimos, era recomendado evitar até mesmo o contato visual com o ser humano do sexo feminino para que, assim, o pecado e a falta de moral não se instalassem. Essas patrulhas eram necessárias, pois, ainda que sob a égide da repressão, encontravam-se maneiras de chegar aos produtos almejados através de mercados negros, solucionadores do embargo sofrido, comercializando, por exemplo, fitas de artistas norte-americanos como Michael Jackson, Kim Wilde e o Pink Floyd. As Guardiãs da Revolução eram participantes dessa domesticação das pessoas, tendo como responsabilidade assegurar as mulheres no caminho correto, obviamente, dentro do cumprimento das obrigações mulçumanas. Aquelas que não se enquadrassem eram levadas ao comitê, delegacia, e eram punidas de alguma forma, que seria desde o pagamento de uma multa chegando até as chicotadas.

**Figura 6** - A vigilância sempre presente, tanto institucionalizada nas pessoas das guardiãs quanto dos civis



As repressões por parte dos fundamentalistas islâmicos trouxeram mudanças profundas nas práticas sociais da população, pois, para além da vigilância exercida pelos zelosos do governo, da moral e da fé, existiam os constantes olhares até dos vizinhos – todos

tornaram-se informantes em potencial das subversões ou desobediências realizadas inclusive dentro do âmbito do privado. As restrições atingiam os mais variados setores da vida dos iranianos, não se permitia mais o acesso aos instrumentos de diversão como tabuleiros de jogos, xadrez, música, vídeos, assim como as maquiagens, roupas (é o caso do jeans) e materiais que fizessem referência ao ocidente desvirtuante.

### A resistência clandestina

Findo o período de grande repressão, contido nos anos de 1980 a 1983, quando a maioria da oposição estudantil, tanto secundarista, quanto universitária, foi presa ou executada, falar de política passou a ser um hábito cada vez mais escasso. Não se realizavam mais grandes manifestações nas ruas – em que homens e mulheres contestadores da política, na qual estavam inseridos, participavam ativamente – e as maneiras de resistência mudaram de cara. Nesse momento, demonstrar insatisfação ou oposição total ao governo em situação, consistia quase por completo nas práticas e ações investidas em relação às mais diversas temáticas, residindo no detalhe (figura 7), no privado. Seria interessante utilizarmos o conceito a que Beatriz Sarlo vem cunhar para realidades, como a relatada por Satrapi, em *Persépolis*, na qual a resistência é tida como algo que deve ser investigado pelo “vestígio daquilo que se opõe às normalizações e às subjetividades que se distinguem por uma anomalia” (SARLO, 2007, p.15).

**Figura 7** – O quadrinho acima demonstra a resistência condensada no detalhe, sendo esse a própria maquiagem





Perverter esse esquema que os guardiões da moral religiosa construíram para a vigilância dos indivíduos se configurava em deter-se numa oposição particular, individual cujos os detalhes que destoassem dos padrões existentes se configurariam numa maneira de não ser conivente com o controle instituído. Após a República islâmica ser estabelecida no país, em 1979, com acentuação da repressão em 1984, essa ideia ligada às mínimas ações, ser subversiva era possuir um walkman, mostrar alguns centímetros do pulso e do cabelo, sorrir alto e usar maquiagem.

Curioso notar que o próprio ato de escrever sua história, suas memórias, já é uma forma de subversão – não só ao regime fundamentalista religioso, mas também burlar a hegemonia masculina na escrita, visto que as mulheres não possuem voz, não podem pensar o seu meio, a sua sociedade e tudo o que representa. Satrapi é assim a primeira mulher iraniana a produzir uma história em quadrinhos e, para mais além, é uma escritora que lança para o mundo suas críticas ao sistema de governo vigente em seu país, deixando completamente despido, ao passo que suas práticas repressoras e coercitivas são derramadas, à todos que lerem o livro, um confronto entre a representação oficial e os relatos de uma outra realidade, pontuada nesse caso pela autora. O próprio livro vem a se opor pelo detalhe quando o mesmo tem escolhido como título *Persépolis*, nome da antiga capital do império Persa – então considerado como legítimo por Satrapi e toda sua família, sendo seu avô um príncipe dessa dinastia.

O que fica aparente nos relatos apresentados em *Persépolis* é que o cansaço trazido pela guerra de uma década, além dos conflitos anteriores, desestimulava o desejo de dizer não à todas as imposições, repressões e castigos e, para que os sujeitos não tivessem suas identidades completamente apagadas, construiu-se uma convivência antípoda entre os espaços públicos e privados – ao pensar que as atividades políticas, sempre consideradas como importantes, foram destinadas aos grupo masculino, enquanto o feminino foi empurrado para o cuidado familiar e o trabalho reprodutivo. Porque esses dois universos são demarcados de modos desiguais e o fator determinante para tanto são as diferenças sexuais, inicialmente biológicas e, em torno disso, construções sociais. Ao homem, como bem analisa Bourdieu na



sociedade Cabília<sup>7</sup>, destina-se viver publicamente, enquanto que para a mulher os espaços são devidamente encaminhados, pois a mesma deve se manter no convívio pautado na intimidade familiar, destarte o próprio uso do véu pode ser considerado uma modalidade dessa privação, da mesma maneira que a não validação da fala.

Diante dos olhos da sociedade fundamentalista, o comportamento era acomodado às leis, contudo a possibilidade de burlá-las se fazia concreta nos locais produzidos por pessoas que se reconheciam a partir de suas experiências e ideais de vida em comum – os estudantes do curso de arte a se reuniam para estudar a anatomia do corpo, já que na universidade o exercício era feito com mulheres cobertas da cabeça aos pés. As mulheres que se escondiam por trás das vestimentas tinham a oportunidade de se mostrarem, não apenas fisicamente, mas de serem, sem estar sob a vigilância dos olhos da lei – esses incansáveis faziam batidas nas ruas e nas casas para revistar as pessoas e seus comportamentos; a cada festa descoberta os integrantes eram levados aos comitês (delegacias) e só eram liberados mediante pagamento de uma multa de vinte mil tumans, equivalente ao salário de um funcionário público na época, que, quando não pagos, resultava em violência física como as chibatadas ou até morte. Contudo, é importante afirmar que a autora não esperava os descuidos dos vigilantes, ela encontra maneiras de se expressar enquanto essa prática de vigilância se dá, enfrentando aqueles detentores do poder de ditar as regras com seu discurso e seu corpo. Sua revolta se dá para a sua própria sobrevivência, diante de um cotidiano de morte, visto que, mesmo que a falência física não acontecesse, ela viria ocorrer no campo moral/ideológico, ao qual se mantinha muito fiel.

### **Ao ultrapassar as fronteiras**

Grandes repressões e constantes conflitos bélicos trouxeram aos cidadãos do Irã a convivência com a morte. Um governo irreduzível e implacável com aqueles que a ele fossem contra provocou uma grande imigração – viagens ou até mesmo a mudança completa representavam a fuga ocasionada pelo medo constante da opressão, assim como do viver em silêncio –, também vivenciada pela Satrapi adolescente. Sair de seu país representava o receio

da violência repressora sofrido pela família, ocasionado por construções de relações sociais cada vez mais fragilizadas, primeiro pelo perigo de vida, em seguida a eminência constante de denúncias aos guardiões da fé. Em todos os círculos de convivência, desde as crianças até os adultos, vivia-se lado a lado com o temor do fim da vida, pois, a cada bombardeio, alguém era perdido. Contudo, não se tratava apenas dos ataques estrangeiros, a guerra interna passou a ser mais cruel do que qualquer outra. Os governantes trataram de dar cabo aos que se pusessem contrários às suas posturas, e o descontentamento crescia a cada dia, junto a ele o número de mortes e desaparecidos. Para além disso, havia também os que iam embora do país, situação que provocou a separação de inúmeros entes queridos, de sangue ou não, e os iranianos viviam nesse cenário, construindo relações muito instáveis.

Satrapi é mandada ao exterior. Aos quatorze anos foi enviada a um país desconhecido. Morar na Europa, mais precisamente na Áustria, proporcionou momentos bastante conflituosos, pois tratava-se, ali, não só de ser um sujeito independente e único responsável por si, mas também dos constantes choques culturais e, portanto, de identidade. Viver num local de cultura distinta fazia repensar seu lugar de origem, de maneira que a imagem, que construía de um continente laico e aberto do ocidente, antes mesmo de estar nele, foi colocada em cheque por inúmeras vezes; como quando residiu numa pensão de freiras, seu segundo lar austríaco, e se deparou com momentos de intolerância reconhecíveis levando-a a entender as duras penas que o extremismo religioso habita os mais diversos universos.

Com quatorze anos e responsabilidades de um adulto, logo se deparou com as reverberações das tentativas de inserção no mundo daquelas pessoas ocidentais (figura 8), o começo de confusão identitária ao passo que, para se fazer aceita, por vezes negou sua nacionalidade. O choque cultural não poderia deixar de existir e, como afirma Todorov, em “*As identidades coletivas*”:

O ponto de choque mais brutal diz respeito ao *status* da mulher, considerada em determinadas culturas como um ser inferior que nunca deverá usufruir de uma liberdade comparável àquela que é reconhecida aos homens; além disso, elas são passíveis de uma punição física em caso de desobediência. (TODOROV, 2010.p.99).

Estar no ocidente e se afirmar enquanto oriental, vinda de um país que é mostrado como extremista, atrasado e sempre de forma negativa, significava angariar para si as represálias das pessoas com visão ainda etnocêntrica, pois ela seria por todo o tempo aquela que necessitava da educação, formação e salvação ofertada pelas nações ocidentais.

**Figura 8** - Círculo de amigos da escola a qual Satrapi estudou na Áustria



No colégio era parte de um grupo formado por uma austríaca, um punk, dois órfãos e um terceiro mundista, todos ilustrados na figura acima, ou seja, dentro desse meio foi vista e olhou, ora com estranhamento, ora com admiração, um espaço de convivência de diversos outros. Ao deixar as represálias islâmicas direcionadas às mulheres, tomou proximidade com o preconceito e a xenofobia propagados pelos ocidentais e seu ideal de civilização pautado no eurocentrismo – a imagem que os estrangeiros tinham dos iranianos sofreu mudanças, todo o

oriente passou a ser mostrado pela imprensa de maneira a produzir representações negativas, motivo do desejo da escrita do quadrinho: mostrar que a visão negativa, construída pelos meios de comunicação, condizia com a realidade.

A cada passo dado em direção a uma aproximação do ocidente, sentia-se afastar consideravelmente do oriente. Para que o processo de integração ocorresse, teve contato com práticas antes nunca pensadas. Distante da constante vigilância experimentada no Irã, através da família, das pessoas nas ruas e principalmente do governo, Satrapi se aproxima, de maneira conflituosa para si, de práticas antes impensadas, até mesmo para uma garota moderna como ela. Um exemplo disso foi seu envolvimento contínuo com as drogas, na qual a relação começou dentro da escola – que agora lhe era apresentada em contornos diferentes, cuja liberdade se encontrava em larga escala – com os amigos tidos enquanto marginais, onde apenas fingia fumar a cannabis, além da influência de seu primeiro relacionamento amoroso consistente pelo qual ela passa a comprar e distribuir na escola, quando ela mesma classifica sua ação enquanto atividade ilegal, tráfico, e imoral.

Ser aceita por aquelas pessoas era necessário e, para a concretização, não conseguiu deixar a incorporação dos novos valores, mesmo que esses lhes fossem por vezes muito caros. Na tentativa de concretizar sua integração, a autora fornece um material rico para análise das discrepâncias encontradas entre as duas culturas. Mesmo sendo diferente das mulheres fundamentalistas do Irã, consideradamente aberta ao outro, Marjane Satrapi sente alguma dificuldade em alguns momentos – como a festa na casa de Julie, uma de suas muitas moradias na Áustria, distante das iranianas que tinham muita comida e músicas dançantes. Nessa, as pessoas preferiam se recostar enquanto usavam drogas e exerciam sua liberdade sexual. Ponto alto de desconforto, pois, em seu país, beijar em público é um ato considerado como explicitamente sexual, impensável, somando ainda à visão que teve, pela primeira vez, de um homem quase nu – mesmo sentindo-se distanciada de sua cultura, muitos dos valores propagados por ela ainda permaneciam impregnados de maneira a causar sérios estranhamento e pavor.

Questões como as citadas anteriormente são cabíveis de compreensão na escrita de Todorov, quando afirma que

O que se encontrou na cultura de origem não é chocante porque esta serviu para a própria formação da pessoa; em compensação, o que muda pela força das circunstâncias – fora do controle do indivíduo – é percebido uma degradação por fragilizar nosso sentimento de existir. (TODOROV, 2010. p.72).

O relacionamento com Julie a confronta com dois lugares ocupados pela mulher no ocidente, um dentro da visão da dona da pensão onde morou um tempo, e outro com os jovens que havia conhecido através de sua amiga. Tal pensionato tinha a administração nas mãos de frau doktor Heller, uma senhora tradicional que a acusou de prostituição, devido ao fato de ter levado um namorado para seu quarto. Opondo-se a esse tipo de avaliação, as pessoas dos grupos mais jovens consideravam os namoricos, mesmo que em público, natural. As mulheres, nesse caso, passavam a ser julgadas como libertas e independentes. Ainda no espaço da amizade com Julie, consegue-se ver mais estranhamento por parte de Satrapi que não conseguia entender o tratamento que seus amigos ofertavam aos pais: a iraniana os tinha enquanto seres sagrados e dignos de todo o respeito, um posicionamento bem afastado da realidade apresentada por Julie.

Outro ponto intrigante é quando a personagem começa a trabalhar num bar. Esse momento pode ser considerado de grande importância, pois, mesmo que indiretamente, é mostrado aos leitores um pouco da sociedade patriarcal nos moldes ocidentais, quando alguns fregueses apresentam uma certa violação da relação de respeito para com o outro, nesse caso a mulher. Enquanto Marjane atendia os clientes, outros a assediavam, inclusive desrespeitando seu próprio corpo, o que revela um pouco da maneira como o ocidental vê e trata a mulher de seu continente – obviamente que tal constatação não é uma generalização. Nesse momento, percebe-se o ser feminino perdendo toda a subjetividade aos olhos do outro, masculino, quando torna-se o objeto tanto provocador, quanto saciador dos desejos.

Após o término trágico de sua relação amorosa com o Mrarkus, Satrapi sai da pensão onde residia e passa em torno de três meses morando nas ruas austríacas. Sem ter a quem recorrer, fica doente, perde a consciência e só a recupera já no hospital, onde é tratada e curada. Em seguida, decide voltar ao Irã e assim o faz. Tal retorno simbolizava silenciar novamente suas liberdades individual e social, encarando já na chegada uma severa fiscalização do aeroporto, onde sua bagagem foi revistada completamente para que nenhum artigo ocidental, perigoso à moral, passasse sem ser percebido. Para além disso, havia novamente a obrigatoriedade do uso véu, que volta a fazer parte do vestuário e, junto a ele, a constante preocupação instalada pelas cobranças e regras impostas pelos fundamentalistas do Regime – tal estratégia, bem entendida por quem a utilizava, desenvolvia o medo nos indivíduos que, por sua vez, não permitia que esses alimentassem seus espíritos questionadores daquela estrutura.

Retornar significava também a readaptação ao ambiente do qual tinha fugido quatro anos antes. Voltar resultava não apenas em encarar os pais, constantes apostadores no seu sucesso, após considerar-se fracassada. Ademais seria necessário (re)acomodar-se ao espírito da guerra, que não mais existia, mas que havia deixado suas marcas imbricadas nas ruas, assim como nas pessoas – as vias públicas tiveram seus nomes modificados e passaram a se chamar por nomes dos mártires sacrificadores de suas existências em prol da segurança do Regime Islâmico no Irã. Os prédios destruídos e as estruturas físicas extremamente danificadas lembravam todo o tempo os milhares de corpos enterrados embaixo dos calçamentos ou asfaltos. Satrapi teria que se familiarizar novamente com a falta de esperança, com a desconfiança e a descrença na paz naquele território.

### **Considerações Finais**

Persépolis, para além do entretenimento, é instrumento de inspirações e aproximações no momento em que traz à tona a história intrigante de uma mulher que teve a infância e a juventude repleta de rupturas e continuidades que possibilitaram transformações não apenas em sua maneira de perceber o mundo, mas, principalmente, na visão do leitor em relação ao

orientes, a forma de ver seu país. As linhas de seus requadros<sup>8</sup> ampliam o mundo aos olhos de os vê.

Tal obra permite a percepção das transformações ocorridas nas identidades femininas do Irã, indo além por nos trazer também as identidades produzidas no mundo ocidental ao qual Satrapi teve acesso, tanto das mulheres de lá quanto das imagens das iranianas construídas pelos ocidentais. Os elementos promovedores dessas mudanças são muitos, contudo os aqui abordados se mostraram na fonte de forma que parecem de grande importância.

A mudança no regime político iraniano trouxe implicações diretas para as vidas das pessoas que residiam em tal país, visto que o mesmo se pautou nos preceitos islâmicos que passaram a desenhar a forma que a vida, tanto privada quanto pública, deveria ter – ao determinar, a partir do código moral do Islã, o que pensar, vestir, como se portar. A educação foi, dessa forma, um lugar onde tais implicações incidiram fortemente, visto que toda a sua organização e esquematização foi reconstruída alinhada às ideias que haviam chegado, mudando toda uma lógica antes existente.

O contanto com o outro, oportunizado pela experiência vivida obtida através da moradia num outro país em contato com uma cultura extremamente diferenciada daquela na qual foi inserida por tantos anos. Conviver com as diversas imagens de mulher existentes no ocidente trouxe a Marjane uma modificação em sua forma de enxergar o próprio país, não apenas aquilo a que se opunha, mas também o que lhe parecia correto, próximo.

Ainda tratando da experiência na Áustria, cabe observar que a educação vai figurar entre os elementos importantes em tal processo, pois é na escola que Marjane vivencia seus maiores contatos e quando não, é ao menos a partir dela que esses acontecem. Nesse espaço ela conviveu com as mais diversas culturas, se pensarmos na multiplicidade em que o ocidente se apresenta, ao passo que tem contato com pessoas de outras nacionalidades além da sua e da austríaca.



Persépolis tornou-se assim uma possibilidade de contato com a desnaturalização de forma ampla, pois permite a visualização e o entendimento da construção das identidades não só femininas, mas também as que são construídas em torno das nacionalidades.

### Referências

ALVES, Bruno Fernandes. **Super poderes, Malandros e Heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis.** Disponível em <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040706160018.pdf>>. Acesso em julho de 2011.

BARCELOS, Janice Primo. **O feminino nas histórias em quadrinhos: a mulher pelos olhos dos homens.** Disponível em <[http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm)>. Acesso em julho de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: RJ. Editora Bertrand Brasil LTDA, 2010.

BOURDIEU, P. (2011) Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 07-15.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia.** Coleção Opúsculo. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. P. 14-61.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos.** São Paulo: Devir Livraria, 2008.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, A.C. "Literatura: a fonte fecunda". In: PINSKY, C. B.; LUCA, T.R. de (org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.

FOUCAULT, Michel. Trad. Vassalo; Lígia M. Pondo. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1984.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: A título de prólogo. IN: **A escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004. p. 9-24.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JENKINS, Keith. O que é a História. In. **A História repensada**. Trad. Mario Vilela. São Paulo,:Contexto, 2009. P. 23-52

JURACH, J. M; TEIXEIRA, N. C. R. **Do Oriente para o Ocidente, o shoujo mangá e a representação feminina**. Disponível em <[http://web03.unicentro.br/pet/pdf/07\\_jussara.pdf](http://web03.unicentro.br/pet/pdf/07_jussara.pdf)>. Acesso em julho de 2011.

MAGALHÃES, Henrique. **Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais**. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/b8ef06a25820101009055857.pdf>>. Acesso em julho de 2011.

NASCIMENTO, Larissa Nascimento. **A poética do detalhe: retratos da resistência em Maus e Persépolis**. Disponível em <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_jornada/larissa\\_nascimento.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada/larissa_nascimento.pdf)> . Acesso em julho de 2011.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. **Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL**.

PEREIRA, João Batista. Sobre história e literatura. In. Saeculum, **Revista de História**, João Pessoa, v 15, n 20, p, 119-128, jan-jun, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história >>**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Em línea]. Disponível em : <[HTTP://nuevomundo.revues.org/1560](http://nuevomundo.revues.org/1560)>. Acesso em 19 de novembro de 2011.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História in. PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) – **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1998

REZENDE, Manuela de Oliveira. **Persépolis: aproximações com o jornalismo literário nos quadrinhos de Marjane Satrapi**. Disponível em <<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2009/manuellarezende.pdf>>. Acesso em julho de 2011.

SALGADO, Manoel Luiz. Escrever a história, domesticar o passado. In. LOPES, Antônio H. **História e Linguagens**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2006, p. 45-48.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as Mulheres, Gênero e Cidadania**: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. Disponível em <<http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>>. Acesso em junho de 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990.

TODOROV, Tzvetan. “A identidade européia”. In. \_\_\_\_\_ **O Medo dos Bárbaros. Para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. P. 193-222(resumo).

TODOROV, Tzvetan. “As identidades coletivas”. In. \_\_\_\_\_ **O Medo dos Bárbaros. Para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. P.67-102 (resumo).

VERGUEIRO, Waldomiro. **As histórias em quadrinhos e seus gêneros v: os quadrinhos protagonizados por mulheres**. Disponível em <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=146](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=146)>. Acesso em agosto de 2011.

Artigo recebido em 30 de abril de 2012. Aprovado em 20 de dezembro de 2013.

---

## Notas

<sup>1</sup> Marjane Ebihames nasceu em 22 de novembro de 1969, no Irã e foi a primeira iraniana a produzir uma HQ. Fez o ensino médio numa escola francesa na Áustria, tendo sua formação acadêmica em Comunicação Visual na cidade de Teerã. Atualmente reside em Estrasburgo na França onde trabalha como ilustradora e autora de livros infantis. Informações extraídas do site <http://barclayagency.com/satrapi.html>.

<sup>2</sup> Talvez seja interessante ressaltar que esse tipo de escrita por muito tempo foi pouco abordada dentro da academia, figurando mais na Literatura. Ganha espaço dentro de trabalhos do campo do privado, da História das mulheres e da educação devido à produção de diários, cartas e documentos escolares, antes mais habitado pelas trabalhadoras.

<sup>3</sup> GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: A título de prólogo**. IN: A escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004. p. 9-24.

<sup>4</sup> A Revolução Cultural se deu no Irã na década de 1970. Antes da mesma o país era governado pelo ‘Xá Mohammad Reza Pahlevi’, que concentrava os comandos e ações governamentais nas mãos dos seus. Em sua gestão a desigualdade social e a pobreza tomou grandes proporções o que acarretou em organização de uma oposição, formada por esquerdistas liberais e xiitas, ao Xá. Em 1979 esses assumiram o controle do governo

---

enquanto Reza Pahlevi fugia. Então o ‘aiatolá Ruhollah Khomeini’ implementou uma república islâmica, baseando suas estruturas nos preceitos religiosos. Assim como o regime passado atuou de forma repressora em relação aos que fizessem oposição, como os bahá’ís, religião figurante entre as dez maiores.

<sup>5</sup> Em *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, encontra-se uma interessante discussão em relação ao que ele cunhou como *confinamento simbólico*, onde a utilização do véu aparece enquanto uma manifestação visível do círculo de dominação que estabelece os elementos obrigatórios de uma feminilidade e embutida nessa toda uma forma de diminuição do sujeito do sexo feminino. IN. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Editora: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>6</sup> O conceito de disciplina abordado aqui é o desenvolvido por Michel de Foucault na sua obra *Vigiar e Punir*. (FOUCAULT, 1977).

<sup>7</sup> *Ibidem.*, p. 27.

<sup>8</sup> O requadro tem função importantíssima dentro dos quadrinhos, pois, por ser o espaço onde a ação do quadrinho ocorre, é ele quem vai ordenar os cortes ou os saltos espaço/temporais e narrativos dentro da história – é nele que se encontra a intimidade entre leitor e produto, visto que, aqui, o texto passa a ser entendido de maneira inconsciente, subentendido entre os espaços de um limite para o outro, que não necessariamente se dá em formas geométricas ou dentro de quatro linhas. O enquadramento das ações vem a direcionar o campo de visão de quem irá ler, manipulando dessa forma a leitura e, conseqüentemente, as sensações por ela produzidas.